

**INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

IVAINÉ MARIA DA SILVA MELO

**Histórias de mulheres que através da EJA realizaram o sonho de cursar o
ensino superior**

**Formosa – GO
2021**



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Ivaine Maria da Silva Melo

Matrícula: 20362070310137

Título do Trabalho: Histórias de mulheres que através da Ea realizaram o sonho de cursar o ensino superior

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: ☒ Não ☐ Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no ReDi/IFG: 24/03/22

O documento está sujeito a registro de patente? ☐ Sim ☒ Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? ☒ Sim ☐ Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Formosa 24/03/22
Local Data

Ivaine Maria da Silva Melo

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

IVAINÉ MARIA DA SILVA MELO

Histórias de mulheres que através da EJA realizaram o sonho de cursar o ensino superior

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Áreas Acadêmicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Formosa, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Luciana Campos de Oliveira Dias

Formosa – GO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M528h

Melo, Ivaine Maria da Silva

História de mulheres que através da EJA realizaram o sonho de cursar o ensino superior:
o que há de novo? / Ivaine Maria da Silva Melo - 2021

45 f.: il ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Luciana Campos de Oliveira Dias

Monografia (graduação) – Licenciatura em Ciências Sociais, Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Goiás. Formosa, 2021.

1.Mulheres - ensino superior. 2.Mulheres - ensino público. 3.Educação de Jovens e Adultos.

I. Dias, Luciana Campos de Oliveira. II.Título.

CDD: 374

MELO, Ivaine Maria da Silva. **Histórias de mulheres que através da EJA realizaram o sonho de cursar o ensino superior**. 2021. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Sociais – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Formosa, 2021.

Aprovado em: _____.

Banca Examinadora

Prof. Me. Oberdan Quintino de Ataides – Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de Goiás

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Me. Daniel Séjour Araújo – Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de Goiás

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr^a. Luciana Campos de Oliveira Dias – Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de Goiás

Julgamento _____ Assinatura _____

Curso: Licenciatura em Ciências Sociais

Área de concentração: Educação

Título do trabalho:

“HISTÓRIAS DE MULHERES QUE ATRAVÉS DA EJA REALIZARAM O SONHO DE CURSAR O ENSINO SUPERIOR”

Autor: IVAINE MARIA DA SILVA MELO

Orientador(a): Professor(a): Dra Luciana Campos de Oliveira dias Dias

No dia 14 do mês de Fevereiro de 2022, realizada de forma remota nos termos da RESOLUÇÃO 60/2021 - REI- CONSUP/REITORIA/IFG, de 17 de maio de 2021, por meio da por meio de Web Conferência no Google Meet, as 18:30h, conforme autorização dos órgãos colegiados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG , deu-se a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso acima citado. A banca foi composta pelos(as) professores(as) Prof. Me. Daniel Sejour de Araújo, Me. Oberdan Quintino de Ataides e Dra. Luciana Campos de Oliveira Dias. O exame de defesa apresentado à banca examinadora para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Sociais teve a seguinte apreciação:

(x) Aprovada () Aprovada com ressalva () Reprovado

Nota obtida na defesa : 8,5

Formosa-GO, 14 de Fevereiro de 2022.

Profa. Dra Luciana Campos de Oliveira Dias Orientador(a)

Prof. Me Oberdan Quintino de Ataides.

Me. Daniel Sejour de Araújo IFG- Formosa

IVAINÉ MARIA DA SILVA MELO

Orientanda

I	CRITÉRIOS OBSERVADOS NO TEXTO ESCRITO (CONTEÚDO)	VALOR	NOTA 1 (PESO 5)
1	A introdução apresenta os elementos básicos	0-1	1,0
2	Clareza no objetivo geral e específico	0-1	1,0
3	Relevância da pesquisa (justificativa)	0-1	1,0
4	Fundamentação teórica atual e coerente com a proposta de pesquisa	0-2	1,0
5	Metodologia apropriada à proposta da pesquisa	0-1	1,0
6	Contribuição crítica no desenvolvimento do trabalho	0-2	1,0
7	Relação entre a conclusão, objetivos e hipótese	0-2	1,0
	TOTAL 1 = (NOTA 1 x PESO) / 10		3,5
II	CRITÉRIOS OBSERVADOS NO TEXTO ESCRITO (FORMA)	VALOR	NOTA 2 (PESO 3)
1	Articulação e coerência do texto	0-3	3,0
2	Clareza e objetividade	0-3	3,0
3	Domínio ortográfico da língua, uso da norma padrão-culta, correção gramatical	0-2	2,0
4	Formatação de acordo com as normas da instituição	0-2	2,0
	TOTAL 2 = (NOTA 2 x PESO) / 10		2,0
III	CRITÉRIOS OBSERVADOS NA APRESENTAÇÃO ORAL	VALOR	NOTA 3 (PESO 2)
1	Pertinência do tema e domínio do conteúdo apresentado	0-2	2,0
2	Clareza e organização na exposição do trabalho	0-2	2,0
3	Habilidade de argumentação à arguição da Banca	0-3	3,0
4	Respeito ao tempo de apresentação	0-3	3,0
	TOTAL 3 = (NOTA 3 x PESO) / 10		3,0
	RESULTADO FINAL = TOTAL 1 + 2 + 3		8,5

Documento assinado eletronicamente por:

- Luciana Campos de Oliveira Dias, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 18/02/2022 16:54:13.
- Daniel Sejour Araujo, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 15/02/2022 19:46:57.
- Oberdan Quintino de Ataídes, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 15/02/2022 16:20:09.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 15/02/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 247079

Código de Autenticação: 20ad10c8a1



Dedico esse trabalho a Deus, e ao meu Senhor Jesus Cristo!

Dedico este trabalho aos meus filhos, ao meu marido e às minhas amigas que estiveram comigo nessa trajetória, Maria das Graças e Aparecida Pereira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me proporcionou chegar até esse momento. Ao meu marido Carlos Fonseca de Melo por ter sido parceiro, companheiro e por compreender o tempo que tive que ficar ausente. Agradeço às minhas amigas, parceiras e companheiras de curso, Maria das Graças e Aparecida.

Agradeço à minha orientadora Dr^a Luciana Campos de Oliveira Dias, por ter aceitado nos acompanhar nesta jornada e ser a nossa orientadora. Agradeço a Deus, por me guiar e conceder forças para enfrentar as adversidades e também por permitir a realização desse sonho.

RESUMO

Esta pesquisa apresentará histórias de mulheres que através da EJA conseguiram realizar o sonho de cursar uma faculdade. O Trabalho tem por objetivo discorrer sobre quais foram os acontecimentos que levaram estas mulheres a não terminarem os estudos no tempo regular, como foi a volta para escola e a inserção na academia e o papel da EJA neste processo. Trabalhei a partir do entendimento de que a educação se coloca como ferramenta cultural e libertadora, contextualizando assim com episódios vivenciados por mulheres que alcançaram níveis de superação social tendo a EJA como espaço de possibilidades. Nessa pesquisa trabalhei com método autobiográfico e metodologia de narrativas. Nos relatos, é possível perceber quais foram as dificuldades e obstáculos que foram impostos a estas mulheres. Dentro dessa trajetória, buscamos enfatizar a satisfação de cada uma em ter conseguido alcançar o ensino superior. Dessa forma, é importante saber quais são as razões que as levaram a abandonarem seus estudos e quais foram os caminhos os quais elas trilharam rumo ao retorno para a escola. As mulheres apresentaram como motivo do retorno o êxito pessoal e o incentivo da família. O acesso à realidade dessas mulheres é relevante pois oferece acesso a conteúdos relacionados à importância da EJA e sua relevância social.

Palavras-chave: Perspectiva, Trajetória, Satisfação, EJA, Conhecimento.

ABSTRACT

This research will present stories of women who, through EJA, managed to fulfill their dream of attending a college. I worked with continuing education and improvement of teachers, demonstrating education as a cultural and liberating object, thus contextualizing with episodes experienced by them exposed for analysis. reports, it is possible to see what were the difficulties and obstacles that were imposed. Within this trajectory, we seek to emphasize each one's satisfaction in having achieved higher education. Thus, it is important to know the reasons that led them to abandon their studies. It is also extremely important to know how the return to the classroom was, as these data generate the necessary discussions to see the deficiencies of regular education presented, being used as a basis for the improvement of education in EJA. These arguments have the production of knowledge as a perspective. For the construction of this, it was important to carry out a survey of the historical trajectory of EJA in Brazil. Subsequently, data and documents from the investigated students were sought.

Keywords: Perspective, Trajectory, Satisfaction, EJA, Knowledge.

LISTA DE SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FINEP	Fundo Nacional do Ensino Primário
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
INEP	O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNA	Programa Nacional de Alfabetização

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	Fundamentação Teórica	18
2.1	Histórico da Educação da EJA em Relação às Mulheres;	18
2.2	Paulo Freire e a Educação Popular na EJA.	20
2.3	O Educador que forma Mulheres para o Futuro.	21
2.4	A Psicologia e a Educação na vida das Mulheres; MULHER, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA(http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais)	23
2.5	Problemas e perspectivas na Educação da EJA em relação às Mulheres...	25
2.6	Afetividade e Criatividade na EJA para Incentivar as Mulheres	26
2.7	Analfabetismo e mecanismo de programas de mobilidade social;	27
3	Metodologia.....	30
3.1	Lócus da pesquisa	31
3.2	Objetivo da pesquisa;.....	31
3.3	Tipo da pesquisa;	31
4	Relatos das mulheres: Memorial de Formação Docente:	32
4.1	Edileuza Veloso.	32
4.1.1	Primeiros Anos de Escola.....	32
4.1.2	O Ensino Médio	33
4.1.3	A Universidade	34
4.2	Aparecida Pereira Natal	36
4.2.1	O Começo dos meus Estudos	36
4.2.2	Parada e Retomada: O Ensino Médio e a Formação	36
4.2.3	Agradecimentos.....	36
4.3	Ivaine Maria da Silva Melo	36
5	Considerações finais	39
	Referências	42
	Anexos	45

1 INTRODUÇÃO

Algumas ideias de pesquisa nascem a partir de experiências vividas pelo autor/personagem. Não foi diferente no caso que ora se apresenta. Neste Trabalho, venho mostrar o que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) fez na vida de três mulheres. São elas: a Sra Edileuza Veloso, a Sra. Aparecida Pereira Natal e a Autora deste trabalho, a Sra. Ivaine Maria da Silva. Neste trabalho foi feita a opção por não ocultar os nomes reais das participantes da pesquisa. Entende-se que fazer a pesquisa a partir destas mulheres de forma despersonalizada implica em produzir o que Vinciane Despret (2011) denomina de “efeito sem nome”, apagando os rastros da constituição dessas mulheres, deixando suas histórias incompletas. Portanto, acredita-se ser importante evidenciar a coautoria das estudantes-pesquisadas na formulação de sua pesquisa. O Trabalho discorre sobre quais foram os acontecimentos que nos levaram a não terminarmos os estudos no tempo regular, como foi a volta para escola e qual o papel da EJA nessa retomada acadêmica e sua trajetória.

A pesquisa procurou saber também: como foi a nossa sensação ao retornarmos para a sala de aula? Como a EJA nos ajudou no nosso desenvolvimento e aonde chegamos? Como foi possível chegarmos ao ensino superior? A pesquisa também mostrou um dos fatores que nos permitiu acesso ao ensino superior: o aumento significativo da quantidade de vagas no sistema de ensino superior, aliado a implantação de políticas públicas, como programa de bolsas e financiamento estudantil, o sistema de cotas, que facilitou este acesso, antes restrito às elites. Com o pleno desenvolvimento, nós nos preparamos para o exercício da cidadania e adquirimos qualificação para o trabalho. A EJA foi o chão que propiciou a nossa retomada aos bancos escolares. Assim a EJA, fez seu papel, mostrando que não se deve ter vergonha de voltar a estudar, e que o acesso à educação é um bem social. Veremos que a crescente valorização da formação superior como estratégia de enfrentamento ao desemprego, inserção no mercado de trabalho apóia na teoria do capital humano (SCHULTZ,1973).

Embora seja óbvio que as pessoas adquiram capacidades úteis e conhecimentos, não é óbvio que essas capacidades e esses conhecimentos sejam uma forma de capital, que esse capital seja em parte substancial, um produto do investimento deliberado, que se têm desenvolvido no seio das

sociedades ocidentais a um índice muito mais rápido do que o capital convencional (não-humano), e que o seu crescimento pode muito bem ser a característica mais singular do sistema econômico. Observou-se amplamente que os aumentos ocorridos na produção nacional têm sido amplamente comparados aos acréscimos de terra, de homens-hora e de capital físico reproduzível. O investimento do capital humano talvez seja a explicação mais consentânea para esta assinalada diferença. (SCHULTZ, 1973, p.31).

Também veremos que o investimento em educação é uma estratégia para impulsionar a ascensão social dos indivíduos e o crescimento econômico da sociedade. Relatando um pouco da minha vida escolar, em 2011, ainda sem terminar o ensino fundamental, como os meus filhos já estavam criados, percebi que não havia mais nenhum impedimento para retomar meus estudos e dar um novo rumo na minha trajetória escolar. Em 2012 entrei na EJA do município, fiz o ensino fundamental, em seguida foi para a EJA na rede estadual para cursar o ensino médio. No último semestre da EJA, fiz minha inscrição no ENEM 2014, passei no ENEM e entrei no IFG em 2016/2, pelo sistema de cotas.

Através da EJA retornei ao comando acadêmico da minha vida. Com as políticas públicas, estou cursando a tão sonhada formação superior. O ensino superior é a forma de ingressar no mercado de trabalho e promover a mudança social. Em um estudo realizado na França na década de 1970, Bourdieu (2007a).

Quem questiona a relação causal entre educação e mobilidade social, pode constatar a existência de condições estruturais que reproduzem as posições de classe na sociedade. Assim, as classes econômica, social e culturalmente mais favorecidas ofereceram maiores chances de acesso ao mercado de trabalho a seus descendentes do que as classes menos favorecidas. Bourdieu (2007). Diz

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2007, p. 41).

A constituição nos garante com educação básica de qualidade, que juntamente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ressalva o direito do cidadão e as metas do governo para essa formação. O que nos deixa claro que temos que aprender para entrar no mundo capitalista. Cidadãos com mais cultura tem qualidades que saem do

senso comum para se colocar no mercado de trabalho, para encarnar o "ser" que o mercado precisa., Conforme diz a declaração mundial sobre educação para todos, conferência de Jomtien, Tailândia (1990), "ser, conviver, aprender e fazer."

Conviver em ambiente de trabalho, aprender a viver em sociedade e fazer tudo como for mandado. Com os PCNs e a LDBEN de 1996, a educação se tornou mais acessível. Podemos, não somente alcançar o Ensino médio e sim uma graduação, fazendo coro com SAVIANI (2007): "Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa".

Saviani fala que educação continuada proporciona docentes capacitados e aptos a ensinar em qualquer instância, quando mobilizamos o mundo, convertendo o servo em cidadão.

Escolarizar todos os homens era condição de converter os servos em Cidadãos era condição de que esses cidadãos participassem do processo político, e, participando do processo político, eles consolidaram a ordem democrática, democracia burguesa, é óbvio, mas papel político da escola estava aí muito claro. A escola era proposta como condição para a consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 1999, p. 44).

Através da educação e cultura, elas conseguiram uma mobilidade social e terminaram seus estudos. Saindo assim do pensamento imposto a elas para obter conhecimento e ver com clareza as coisas simples e complexas da vida. Com o estudo, essas mulheres conseguiram adquirir não somente o conhecimento dos direitos e deveres no mundo capitalista, mas também adquiriram dignidade, cultura e desenvolvimento, passando a observar as coisas em casa de formas diferentes.

E com isso, mostrando que tem capacidade de discernimento e conhecimentos teóricos, que aumentaram as suas expectativas de um futuro melhor, onde o pensamento muda com um salto, o ser com informação muda seu redor, aprendendo a olhar criticamente para a política e ver a sociedade de forma diferente. o artigo 205 da Constituição Federal de 1988: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (A. 205, C F 1988).

Quando voltei à sala de aula a primeira vez depois de 15 anos, me deparei com um grupo de pessoas, com até mais tempo afastados da sala de aula, quando percebi que em sua maioria são mulheres. São pessoas com histórias de vida bem diferentes, mas com um mesmo objetivo, alcançar o ensino superior, o tão sonhado diploma universitário, mais uma conquista na vida destas mulheres.

Esse grupo de mulheres que conheci me acompanhou até o ensino médio. Apesar de sempre ocorrerem evasões escolares, especificamente nesse grupo, me lembro de uma amiga nossa que faleceu (grande mulher), e que outras terminaram o ensino médio, e dentre essas, uma já concluiu a faculdade, e outras três cursando o IFG. Inclusive uma delas é colega de curso. Eu consegui levar os meus estudos ao máximo, estou fazendo faculdade, a EJA abriu os meus olhos e fez despertar com mais força meus sonhos e objetivos.

Ao analisar esse grupo de mulheres, percebi que tinham entre 30 e 40 anos de idade. São mulheres que relataram ter abandonado os estudos por causa da família, pois tiveram filhos muito cedo, ou por se preocuparem em primeiro lugar com o bem-estar dos seus familiares. Contudo, todas relataram que voltaram a estudar só depois dos filhos crescerem. Só aí elas viram possibilidade de realizarem seus desejos, que só poderiam ser concretizados com os estudos.

Assim, esta pesquisa busca avaliar estas histórias, mostrando algumas das trajetórias de sujeitos que conseguiram driblar as dificuldades da vida e alçaram a tão sonhada formação superior. Para isso, buscamos mostrar qual o perfil das pessoas que ingressam na EJA, analisando como a política educacional ajudou pessoas a conquistar a formação superior. Além disso, mostramos qual foi o papel da EJA na vida dessas mulheres, e como elas venceram preconceitos.

Para isso foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com cada uma segundo a sua trajetória. Com o intuito de entender as razões que as levaram a deixar seus estudos, quais dificuldades enfrentaram como mães e donas de casa, no esforço de alcançar seus objetivos, sua formação superior.

Sendo assim, no primeiro capítulo trabalhei com a educação continuada, é o aperfeiçoamento dos professores, a educação como objeto cultural social e de aprendizagem, libertadora formando um sujeito amplo é pleno. No segundo capítulo trabalhei com o método auto biográfico é metodologia de narrativas, onde os episódios contextualizam com ideias, vivenciadas e colocadas à análise. Já no terceiro, organizamos três memoriais acadêmicos das estudantes que concederam depoimento para o estudo.

CAPÍTULO 1

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Histórico da Educação da EJA em Relação às Mulheres;

A educação passou por um longo período de transformações, onde foram reunidos valores essenciais para a efetivação da qualidade de ensino, ampliação do acesso, avaliação de cursos, aperfeiçoamento de professores, dentre outros. Destacou-se nos últimos anos, devido à inserção nas instituições públicas de ensino, uma expansão e reconhecimento que a EJA adquiriu ao fazer uma análise da educação no Brasil durante o período colonial e a república.

Essas mudanças não foram muito significativas, pois a educação não atendia as principais necessidades da sociedade. Os indígenas, as mulheres e os escravos não faziam parte da população estudantil, por esse motivo eram discriminados. Com essas ações os direitos firmados pela atual constituição de 1988 do Brasil, estavam longe de serem idealizados. O ensino público é um fruto de longa construção histórica, concentrando grandes ações de lutas, avanços e experiências, pois se acreditava que o pouco conhecimento não pudesse chegar muito longe.

Desta forma, o retorno dos investimentos feitos seria insignificante para a sociedade, pois o enfoque dominante seria erradicar o analfabetismo. Nos anos de 1950, o Brasil passa por um período muito significativo, onde as ideias e os métodos de Paulo Freire começam a ganhar espaço e a influenciar educadores da EJA levando-os a rever e a renovar os seus métodos de ensino.

Mas esse período durou pouco, pois os militares tomaram medidas drásticas ao expulsar os educadores e pensadores considerados críticos do sistema. E aqueles que aqui ficaram tiveram obedecer às ordens estipuladas pelo governo. Nos anos de 1990, ficou reafirmado que é um direito de todos e que a EJA, representa uma parte significativa na abertura deste novo século, como afirma o texto final da V Conferência Internacional Sobre de 1999. Esse movimento em defesa da EJA se ampliou e ficou bastante conhecido em diversas partes do país no final da década de 1990 o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), estiveram presentes alguns municípios tendo como parceiro a Organização não governamental (ONG).

A aprendizagem torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI, é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é o mais poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável, da democracia, da justiça, da igualdade entre os séculos, do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e a cultura de paz baseada na justiça (BRASIL, 1988).

Depois da constituição, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) instituiu a EJA. A modalidade será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, as oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e do trabalho, mediante recursos e exames.

Na segunda metade dos anos 50, todas as questões político-culturais refletem-se na educação, principalmente com relação às questões eleitorais: a EJA, e por consequência, a formação de novos eleitores. Esse movimento da EJA, se ampliou e ficou bastante conhecido em diversas partes do país no fim de 1990.

Em 2003, houve mudanças com a criação do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que desenvolveu através de repasse de recursos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) foi sancionada por Goulart em 1961, depois de tramitar por treze anos no Congresso Nacional. No governo Goulart as questões educacionais foram tratadas como prioridade da ação estatal, e os movimentos de alfabetização e cultura popular foram apoiados. Na década de 1960, a vida brasileira viveu um intenso movimento popular, que objetivava mudar a realidade de vida dos brasileiros considerados excluídos da sociedade. O objetivo principal era distribuir a riqueza concentrada nas mãos de poucos. Já no início de 1958, surge a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA).

A década de 90, portanto, foi um momento de defesa da educação pública, gratuita e realmente universal, produziu reformulações pedagógicas que, aliás, vêm se mostrando necessárias em todo o ensino. Do público que tem ocorrido aos programas para jovens e adultos, uma ampla maioria é constituída de pessoas que já tiveram contato com a escola só na sua infância, entre elas muitas mulheres mães

dona de casa, entre elas, muitos adolescentes e jovens recém-excluídos do sistema regular.

Essa situação ressalta o grande desafio pedagógico que o ensino impõe: como garantir educação a esse segmento social que vem sendo marginalizado nas esferas socioeconômicas e educacionais, um acesso à cultura letrada que lhe possibilite uma participação mais ativa na política e na cultura. O público que busca o ensino na EJA, não é composto apenas por adultos, mas também por jovens entre 15 e 18 anos. Hoje há uma maior necessidade da EJA. Procurar desenvolver condições para que esse público tenha acesso a uma educação de qualidade, preparando-os para serem cidadãos críticos e reflexivos é uma necessidade urgente em nosso tempo. Assim, ao fazer o planejamento, o educador deve refletir como desenvolver um trabalho e propostas motivadoras para a aprendizagem.

De acordo com Barreto, (1994, p. 36) para resolver essa situação, não basta que o professor faça um discurso no primeiro dia de aula avisando destas diferenças. O poder de um discurso, por melhor que seja, é muito pequeno para se contrapor a imagem gerada pela cultura em que o aluno está inserido durante a maior parte de sua socialização. Os professores que têm obtido maior sucesso em trabalhar nessas situações costumam ter presente que é a partir do conhecimento que se atinge o desconhecido. Por isso, nas primeiras semanas de aula, preocupam-se com que o aluno reconheça na escola que está entrando, a escola que ele imagina. Isto se aplica a qualquer educação que pretendamos desenvolver, seja ela, formal, informal ou popular.

2.2 Paulo Freire e a Educação Popular na EJA.

O professor Paulo Freire é considerado hoje uma das mais acatadas personalidades no campo da pedagogia. O autor é visto como um pensador comprometido com a transformação da vida e um grande educador. Defende uma educação libertadora, onde a práxis humana busca totalizar-se como prática de liberdade. Aplica no campo da pedagogia, a necessidade de uma formação crítica para os estudantes e propõe um método abrangente de alfabetização, pelo qual a palavra ajuda o ser humano a realizar-se como sujeito de todo processo histórico.

Para ele, alfabetizar é ensinar o uso político da palavra. Pois, para pensar o

mundo, é necessário julgá-lo. E o alfabetizando deve sempre expressar juízos ao escrever, ao invés de apenas copiar palavras. Em relação à luta pela alfabetização no campo da educação popular, a Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) foi a pioneira na experimentação. O trabalho foi considerado um instrumento político do campo progressista e também foi usado pelos conservadores, mas de modo higienizado, simplesmente como uma técnica pedagógica higienizada, supostamente sem intenções políticas. Entretanto, conforme explica Freire (1997), a educação não é neutra, ao contrário. Educar é transmitir aos educandos uma série de elementos da cultura dominante. Obviamente, esse processo também pode passar pela construção de elementos e capacidades para compreender criticamente o sistema de dominação em que vivemos. Isto é, educar é um ato histórico, uma intervenção, e por isso mesmo, ela jamais poderia ser neutra. Nas palavras do autor:

(...) a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora a da ideologia dominante. Neutra, indiferente a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. (Paulo freire pg 61)

2.3 O Educador que forma Mulheres para o Futuro.

O educador que trabalha com a formação de jovens e adultos é um educador que questiona as imagens do instrutor, do docente, do educador em si mesmo. A sociedade educativa, se seu tempo lhe incutiu representações especiais e funcionais. Ele precisou realizar extirpação intelectual para se formar, indiretamente, através de alguns encontros humanos e sociais “de homens notáveis” e muitas vezes marginais. (Paulo F, 1997)

A pessoa que trabalha com a formação de jovens e adultos é um educador. Esta denominação pode parecer simples demais, mesmo evidente. Mas isto é desconhecer a complexidade do termo “educador”. Como educador, ele procura articular, em uma dialógica radical, os múltiplos saberes e o conhecimento de si. Esta dialógica radical faz a ligação, de um lado, do sentido da meditação sobre o não pensamento e sobre o não ser e, por outro lado, da cultura tecida pelos múltiplos

saberes sociais, econômicos, políticos, filosóficos, religiosos, científicos, artísticos e literários. Fazendo-o, ele se descobre como um buscador e um transmissor de sentido que caminha em um “processo” de criação e de finitude, de estruturação, desestruturação e reestruturação do mundo. (Paulo F 1997)

No fim desse caminho de atualização e de potencialização do silêncio interno e da atividade externa, ele se transforma e atinge um ponto de existência onde supera o desejo de formar, para simplesmente estar, tanto no momento presente, como presente em si mesmo, tanto no outro, como no mundo, tanto na vida, como na morte como um duplo mistério indissociável. Nesse momento de existência ele fica “aberto” a tudo que aparece em uma poética existencial que o anima permanentemente para o melhor e para o pior. (Paulo F 1992)

Mesmo em seus aspectos mais técnicos, o educador que trabalha na formação de adultos não pode ser instrutor. Se ele pretender ensinar a tecnologia do computador, por exemplo, ele deverá deixar de lado seu papel de puro técnico e reconhecer que seu aluno não é um sujeito vestido com uniforme, mais uma pessoa que resiste, ou, como propõe Jacques Ardoino (1977), que é capaz de negativismo, ou seja, de frustrar as estratégias de violência simbólica que o outro tenta colocar em prática quando o encontra. O formador preocupa-se sempre com o imaginário da relação com o saber. O instrutor interessa-se somente pela dimensão funcional-real da transmissão de conhecimentos.

A EJA não pode conceber o ensino compartilhado, pois deve considerar a totalidade da mulher e suas relações sociais. As emoções e intelecto estão entrelaçados e são inseparáveis. Os adultos da EJA são sujeitos sociais e culturais, muitas vezes, marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais e privados de acesso aos bens culturais e sociais. Em uma sala da EJA, com certeza existirá uma heterogeneidade de público, com interesses, identidades, necessidades, expectativas, habilidades e vivências diferenciadas (FV, Silva 2017)

Apesar de todas as dificuldades que os estudantes da EJA apresentam, eles buscam romper barreiras, tomando consciência da importância de se alfabetizarem e de buscar a escola. Para muitos estudantes, saber ler e escrever representa uma mudança bastante significativa, expressa o começo de uma vida nova.

Muitos concordam que alfabetizar-se é libertar-se. Apesar de sabermos que

a EJA têm se apresentado ao correr dos tempos em função dos interesses reinantes nas sociedades, ela precisa estar pautada pelas necessidades humanas, que mudam com constância, que se reformulam em consequência do dinamismo do cotidiano e variam de acordo com a cultura, história e desenvolvimento socioeconômico da população.(Paulo F 1975)

Reafirma-se assim, a necessidade de priorizar a educação e a superação do analfabetismo, traduzindo uma política de educação que vise medidas com o objetivo de promover a justiça social. A nossa responsabilidade aumenta quando pensamos amplamente e conscientemente sobre o ato de educar. É nossa responsabilidade mudar o quadro que temos na nossa frente e contribuirmos para uma educação vinculada ao desenvolvimento e à vida.(P, Freire, 1992)

2.4 A Psicologia e a Educação na vida das Mulheres; MULHER, EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA(<http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais>)

A psicologia e a educação andam juntas. Teorias psicológicas objetivam explicar o processo de desenvolvimento e de aprendizagem do ser humano. O desafio educacional exige que o professor adquira uma ampla cultura psicológica, psicologia quer dizer o estudo, o conhecimento do psiquismo humano. Psiquismo é tudo o que se refere à mente humana. O estudo da psicologia envolve muitas questões, que são de interesse do professor e os auxilia na prática docente. Como nos comportamos? Como reagimos às situações? Como nos relacionamos com os outros? Como nós desenvolvemos e aprendemos?

Na área da educação, a gama de situações existentes, as diferenças de cada sujeito no processo de aprendizagem e os diferentes níveis de desenvolvimento nos levam a buscar explicações em diversas abordagens, no sentido de ampliar nossos conhecimentos acerca do desenvolvimento humano. Algumas concepções da psicologia caracterizam como o processo de desenvolvimento e aprendizagens ocorre no sujeito e objeto, e entre sujeito e suas relações sociais.(J-Vilela, 1806-1931)

A psicologia também busca diálogos com a linguística, filosofia, sociologia, antropologia, para melhor compreendermos os sujeitos, suas relações sociais e a construção do conhecimento, visto que algumas teorias influenciam o processo de

ensino-aprendizagem e servem de base para estruturar diferentes abordagens na área de educação. As teorias refletem diferentes concepções acerca do “homem” e do meio em que vive e direcionam diferentes caminhos que implicam em diferentes posturas e ações, nossa maneira de ver o mundo, de aprender, ensinar, e também de compreendê-lo. E seu desenvolvimento e a construção do conhecimento se encaixam em uma ou várias delas.(J, Vilela, 1806-1931)

A psicologia da educação tem contribuído no sentido de promover maior compreensão acerca do fenômeno educativo, dando aos profissionais da área de educação condições de efetivar uma prática pedagógica com eficácia. Estudar com sujeitos que pensam, sentem e interagem com o conhecimento, nos permite compor um espaço pedagógico que envolva os processos afetivos, sociais, cognitivos, históricos e contextuais. Conforme explica Woolfolk (2000), “A psicologia da educação distingue-se dos outros ramos da psicologia porque tem a compreensão e o aperfeiçoamento da educação como seu objetivo primário.” (WOOLFOLK, 2000, p.25).

Na psicologia encontramos fundamentação teórica sólida para a prática na EJA. Iremos abordar alguns aspectos que consideramos importantes nas teorias de Wallon e Vygotsky, para os profissionais de educação. Em Wallon, ressaltamos a valorização das dimensões afetivas, nas relações entre o professor e aluno. Em Vygotsky, ressaltamos a valorização dos aspectos culturais e relações interpessoais do sujeito. O significado de algumas palavras usadas por Wallon: Afetividade: Processos psíquicos que acompanham as manifestações orgânicas das emoções e que evoluem junto com os processos cognitivos se alternando durante o ciclo vital.

Emoção: Tem origem fisiológica, expressando-se visivelmente no organismo; É a expressão motora em ação, de caráter lábil e momentâneo. Inteligência: Dimensão cognitiva do indivíduo que se estrutura por meio da linguagem e da interação com os elementos da cultura passando por progressivas diferenciações ao longo da vida. Concepções reducionistas: Concepções que adotam uma visão unilateral do homem, considerando apenas um dos seus aspectos constituintes.

O significado de algumas palavras de Vygotsky(1996): Signo: instrumento da atividade psicológica, representações mentais que substituem elementos do mundo real. Símbolos: organização e estruturação dos signos em sistemas complexos articulados culturalmente. Mediação: é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação torna-se, deste modo, indireta, mediada por

este elemento. Zona de desenvolvimento proximal: é a distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com seus pares ou adultos.(Martins F,1996) O processo de aprendizagem não se restringe somente às atividades específicas de sala de aula ou às formalidades da escola. Conhecendo melhor o homem, seu desenvolvimento e como se processa a aprendizagem na sua vida, os profissionais da educação terão um conhecimento privilegiado acerca do ser humano em seus aspectos cognitivo, afetivo, psicológico e cultural.

2.5 Problemas e perspectivas na Educação da EJA em relação às Mulheres.

“A educação de adultos hoje oferecida no Brasil, embora pobremente, tem por funções não só a de complementar uma formação incompleta, insuficiente, recuperando o adulto marginalizado, como a de ensinar e ler e a escrever aos deserdados sociais. Os planos governamentais, principalmente nas últimas três décadas, apontam para o atendimento principalmente a última destas funções; tão somente a alfabetização” (GIUBILEU, 1993. Pg. 4).

A EJA é uma modalidade específica da Educação Básica, que tem por objetivo atender aos sujeitos aos quais foi negado o direito à educação em alguma fase de sua vida. A educação de jovens e adultos foi vista no decorrer de sua história como uma modalidade de ensino que não requer, de seus professores, estudo e nem especialização, como um grupo eminentemente ligado à boa vontade. Em razão disso, são raros os educadores capacitados na área.

Na verdade, parece que continua arraigada a idéia [sic] de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode ensinar jovens e adultos, pois ainda existem educadores leigos que trabalham nessa modalidade de ensino, assim como a idéia de que qualquer professor é automaticamente um professor de jovens e adultos. Com esta falsa premissa não tem se levado em conta, que para se desenvolver um ensino adequado a esta clientela, exige-se formação inicial específica e geral consciente, assim como formação continuada. (GUIDELLI, 1996. pg. 126).

Os motivos que levaram essas mulheres a serem excluídas da escola foram bem parecidos. Duas delas disseram que estudaram de 1ª a 4ª série numa sala de aula só, que a mesma professora dava as quatro disciplinas. Vemos aí também que era restrito às mulheres o direito de continuar estudando, pois os pais conservadores

achavam que suas filhas só tinham que aprender a ler e escrever. Quando falamos em desenvolver um ensino inicial para uma clientela específica, pensamos em educação continuada, nos termos de Guidelli (1996). Se o pai da Edileuza, tivesse a deixado terminar os estudos, a mesmo ainda enfrentaria possíveis barreiras, como: oferta irregular de vagas, inadequações do sistema de ensino, condições socioeconômicas desfavoráveis, falta de acolhimento nas relações sociais, rejeição, falta de amor, entre outros. Na realidade, o aluno excluído se torna um sujeito com autoestima baixa, sem motivação e interesse em permanecer na escola.

A EJA deve buscar uma concepção mais ampla das dimensões tempo/espço de aprendizagem, na qual educandos e educadores estabeleçam relações sociais dinâmicas e acolhedoras, considerando questões da vida e da sociedade em que vivem. Não importa a idade, pois o aprendizado não pertence à infância ou a adolescência. Os artigos 1º e 2º da LDBEN de 1996 fundamentam bem essa concepção. Vejamos:

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação.

2.6 Afetividade e Criatividade na EJA para Incentivar as Mulheres

Pode-se considerar a escola um espaço de formação dos sujeitos, que deve propiciar a apropriação do conhecimento por parte de todos e deve considerar o aluno como sujeito, co-autor da aprendizagem e modificador da realidade, com certeza, estamos dando a escola um papel que não se restringe à transmissão de conteúdo, e sim a formação do sujeito, em seu sentido mais amplo. Quando as pessoas têm a liberdade de expressar seus sentimentos e sentem-se reconhecidas, com certeza alcançarão uma maior autonomia e segurança. Um pensamento dissociado do afeto se distancia também da plenitude da vida, dos interesses e das necessidades daqueles que pensam.(P, Freire 1994)

Reconhecer a relação entre afetividade e aprendizagem, levando em consideração a importância que os fatores afetivos têm sobre o ato de ensinar e

aprender, é um caminho para entender o homem na sua totalidade e plenitude. A afetividade ganha seu valor na aprendizagem, quando entendemos o outro como pessoa atuante, de desejo e vontade, de história e sabedoria, de palavras e idéias. Senhor capaz de liberdade, capaz de construir seu próprio conhecimento e sua história. Capaz de se transformar e de transformar a realidade.(Wallon, 2002)

A arte do diálogo, de conversar e conviver, deve buscar o equilíbrio entre o falar e ouvir, buscando a coexistência e a integração entre as necessidades individuais e as necessidades coletivas. É fundamental o espírito de cooperação, de solidariedade, gentileza, compromisso e responsabilidade com o outro. As atividades devem incentivar a curiosidade, a inventividade e a originalidade, visando o aproveitamento do potencial criativo.(Almeida, L. R. 2000)

Quando enfatizamos o processo de sentir, criar, descobrir, buscar, pesquisar, está diretamente lidando com as diferenças individuais de cada aluno, com as emoções e com os sentimentos. É importante o amor e respeito ao próximo para que a confiança se estabeleça. Na construção de um espaço escolar harmonioso, não podemos deixar de ver o entrelaçamento entre a aprendizagem e a afetividade. Então, a afetividade e criatividade ganham importância em todo o processo de aprendizagem. Falar em criatividade é deixar de lado a memorização e entrar no campo da originalidade, combinação, substituição, flexibilidade e fluência. A repetição e memorização bloqueiam o raciocínio e a criatividade. O aluno, nesse processo, deixa de ser autêntico e não pensa com autonomia.(GMP Lara · 1993). O processo criativo é pessoal. Todo o ser humano tem o dom de ser criativo, e a escola deve assumir o papel de despertar a criatividade, possibilitando as descobertas, as inovações, a fantasia e a imaginação. Qualquer experiência criativa leva a alcançar o novo. Esta perspectiva promove o exercício de diferentes ideias, emoções e ações. Propiciam questionamentos, mudanças, novas maneiras de pensar, agir e solucionar.(P, Freire 1992)

2.7 Analfabetismo e mecanismo de programas de mobilidade social;

Nas propostas curriculares para o primeiro segmento do ensino fundamental na EJA, fica claro que a educação básica de adultos teve início no Brasil a partir da década de 30, em que se consolidava um sistema público de educação elementar no

país. A sociedade brasileira passava por grandes transformações, diretamente relacionadas ao processo de industrialização e concentração da população nos centros urbanos. Pode-se afirmar que foi a necessidade de mão de obra qualificada que gerou a criação desses programas. O governo federal impulsionou a ampliação da educação elementar, traçando diretrizes educacionais para todo o país, atribuindo responsabilidade nos âmbitos estaduais e municipais. Segundo David e Furlanete (2011) a década de 50 foi marcada por estes processos:

Houve inúmeras críticas à Campanha de Educação de Adultos, no que se refere às deficiências financeiras, administrativas e pedagógicas. O aspecto mais criticado foi a inadequação da utilização de um mesmo método para diferentes populações, de diferentes regiões do país. (David; Furlanete, 2011, p.59).

Com a retomada da liberdade democrática no fim da década de 1980, os grupos aumentaram gradativamente sua atenção, criando a Fundação Educar, A Fundação Educar foi criada pelo Decreto n. 92.374, de 06/02/86, no início do Governo Sarney, designado como “Nova República”, em substituição do MOBRAL, que tinha como objetivo promover a realização de programas de oferta da primeira fase da educação básica para a população, a fim de proporcionar os acessos aos excluídos do processo de escolarização.(Decreto n. 92.374, de 06/02/86)

Com isso, a Fundação Educar pretendia desenvolver um trabalho que atendesse à alfabetização de Jovens e Adultos excluídos do sistema educacional, até que tivessem condição de ser absorvidos pelo sistema regular. Em relação às histórias das mulheres citadas, percebo que seus caminhos levaram cada uma de volta à sala de aula. O mais inspirador foi a vontade de crescer em conhecimento e saberes, um mundo novo ainda não alcançado. onde a escola virou uma família, é formando grupos familiares de identificação por afetividade. (Pimenta,1991)

Depois de serem absorvidas pelo sistema educacional através da EJA, essas mulheres, conheceram as superações e dificuldades para alcançar o tão sonhado diploma universitário. Eu, Ivaine, sempre fui uma pessoa que trabalhei com público. Depois de cursar o ensino médio e entrar no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, aprendi a compreender certos conceitos, o meu tratamento com as pessoas melhorou cem por cento. A partir desse curso, tomei várias decisões, realizei vários projetos. Um deles foi dirigir, sem contar que me apaixonei por ciências sociais e não saberia viver sem elas. Não sei se serei professora, mas esse curso me abriu mais os

olhos para aquilo que gosto de fazer e trabalhar. Durante o curso, tomei atitude de colocar meu nome para pleitear uma vaga na câmara municipal de Formosa Goiás, para as eleições de 2020. Não ganhei, mas para mim foi uma grande vitória, pois senti na pele a pressão de concorrer a uma eleição. É incomparável, só fazendo outro trabalho para tentar descrever esse momento mágico da democracia. Sempre tive vontade de ser vereadora, mas sempre teve a questão de gênero, eu sempre me retraía. Mas dessa vez não, sou uma mulher consciente dos meus direitos e deveres e cheia conhecimentos.(Ivaine, M 2022)

Ao observar as histórias, vejo que elas também adquiriram conquistas, ambas conseguiram a carteira de motorista, e realizaram outras conquistas pessoais e familiares. Muitas vezes, por ver mulheres sempre no serviço de casa, fazendo com que sua vida vire uma rotina, as pessoas olham para elas como derrotadas, como se não servissem para outra coisa senão cuidar da casa. Mas quero deixar registrado que essas a quem eu cito neste trabalho, são mães e donas de casa, que cuidam da sua família e estudam, buscando entrar no mercado de trabalho e prover uma ascensão social. O objetivo é mostrar o que a EJA fez na vida delas, mães, dona de casa, agora também realizadas, e assim observar como essas histórias reverberam com a realidade de superação de muitas dificuldades na vida.

CAPÍTULO 2

3 METODOLOGIA

Nessa pesquisa trabalhamos com o método autobiográfico e com a metodologia de narrativas. Isto é, um tipo de pesquisa de fonte primária, onde dados e informações foram tratados cientificamente ou analiticamente, como um bom complemento à pesquisa bibliográfica. Os fatos foram organizados em narrativa, pois não se pode dissociar a fase de recolha de dados. Para as autoras a metodologia de narrativas pode ser utilizada como método autobiográfico, lembrando que o saber é muito importante na formação profissional. As autoras reivindicam a autonomia do método biográfico, ou seja, consideram as

[...] narrativas biográficas como suficientes para compor uma pesquisa legítima e aponta para a necessidade de uma renovação metodológica. Uma estrutura que satisfaz os pesquisadores, o método autobiográfico [...] o método autobiográfico correspondeu à exigência de uma nova metodologia, isto é uma metodologia, que respondeu à necessidade do concreto, para que as pessoas pudessem compreender sua vida cotidiana, suas dificuldades e contradições. Desse modo, o método biográfico foi concebido como as ciências das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microsociais”(SANTOS; GARMS, 2014 p. 2).

Olhando para a autobiografia, podemos perceber como foi a formação e a estrutura social vivida, muitas vezes compartilhadas por gerações. Também estamos falando aqui, de críticas sociais, observando o modelo vivido por aquela sociedade, e como a educação fez parte da libertação, das amarras sociais. Ou seja, como o sujeito se torna único e ao mesmo tempo tudo se constrói de novas maneiras, deixando assim tão rico esse método. As especificidades podem ser encontradas de modos diversos, através de materiais autobiográfico ou seja, entrevistas, documentos antigos, material de toda espécie, como fotos, correspondências etc. De acordo com a autora:

Percursos singulares que foram sendo construídos pelo pesquisador, de suas Pesquisa que permite captar os movimentos de profissionalização dos Professores. Entretanto, a própria construção da metodologia de investigação Próprias histórias como professor e/ou como pesquisador, pois são histórias Que dialogam entre si durante a construção (SANTOS; GARMS, 2014 p. 11)..

3.1 Lócus da pesquisa

As informações desta pesquisa foram coletadas a partir de informações cedidas pelas próprias alunas pesquisadas em formas de autobiografia. Nessas narrativas foram colhidas todas as informações. A pesquisa aconteceu no município de Formosa, localizado no estado de Goiás, que é dotado de uma população estimada em 115.789 pessoas, de acordo com dados do IBGE. O município possui em área territorial 5.811,788 km². Além disso, possui um índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) estipulado em 0,744. Sendo considerado como um nível moderado de desenvolvimento em relação à média do país.

3.2 Objetivo da pesquisa;

A presente pesquisa buscou conhecer quais foram as causas que fizeram essas mulheres saírem do ensino regular. Quais foram as motivações para o retorno? Como foi a sua volta? Como elas superaram as dificuldades impostas? E como foi a realização do sonho? Por isso o meu objeto de investigação é bem particular, fala de uma trajetória, memórias.

3.3 Tipo da pesquisa;

Neste presente trabalho usarei o tipo de pesquisa qualitativa, construída a partir de narrativas autobiográficas, de natureza básica, com objetivos de contextualizar, com episódios e ideias vivenciadas. Colocando em análise as evidências e fatos marcantes.

Em relação ao método de pesquisa adotado, vai ser utilizado o um relato de formação acadêmica, levando em conta que elas escreveram as suas histórias de próprio punho, histórias de pessoas diferentes, que se identificam segundo sua trajetória.

CAPITULO 3

4 RELATOS DAS MULHERES: MEMORIAL DE FORMAÇÃO DOCENTE:

4.1 Edileuza Veloso.

4.1.1 Primeiros Anos de Escola

Minha vida escolar teve início aos sete anos de idade, em uma escola de uma pequena comunidade, no município de Pintópolis, em Minas Gerais. Em uma pequena sala, uma professora ensinava quatro turmas 1º, 2º, 3º e 4º série, lá aprendi a ler e escrever as primeiras palavras. A professora dava aula para as quatro turmas que eram divididas em filas e apesar de dividir o espaço com turmas diferentes, conseguiu concluir a 4º série, e ser alfabetizada.

Filha de pais analfabetos e com pouco conhecimento, com uma cultura machista e preconceituosa, os pais criavam seus filhos com um destino traçado, meninas para casar, ter filhos e cuidar do marido e meninos para ajudar nos trabalhos da roça.

Tinha 13 irmãos e todos eles estudaram até a 4º série, segundo meus pais isso era suficiente. Aos 10 anos de idade fui obrigada a deixar a sala de aula, pois já tinha sido escolarizada, conforme o permitido pelo meu pai. Além disso, na comunidade onde eu morava, ofertavam apenas até 4º série, e depois teria que seguir para uma cidade a 45km de distância dali.

E assim fui criada. Aos 17 anos de idade me casei e vim morar em Formosa, GO. Meu marido, assim como eu, também tinha interrompido os estudos pelo mesmo motivo. E isso nos encorajava ao desejo de voltar a estudar. Fizemos planos de voltar estudar, os dois juntos, porém, não foi possível. Eu logo engravidei, tive um filho lindo e maravilhoso, que tinha vários problemas de saúde, cardiopatia, disautonomia (SNA), e depois desenvolveu uma doença medular. E por isso necessitava de atenção e cuidados. Nesse contexto, eu dedicava todo meu tempo a cuidar dele.

Quando ele completou os sete anos de idade, decidi ter outro filho, que também veio com sérios problemas de saúde. Assim, ficava cada vez mais difícil retomar os estudos. Conciliar a vida familiar com os estudos era pra mim um verdadeiro desafio.

Muitas vezes pensava que era impossível, já que meus dois filhos necessitavam de cuidados especiais. Mesmo assim, eu não desistia da ideia de retomar os estudos.

Só em 2012 tomei coragem e decidi procurar uma escola da rede municipal para me informar sobre como se fazia a matrícula, quando ingressei na Escola Municipal Professor Joaquim Moreira, no 6º ano do ensino fundamental II, na modalidade de Educação Para Jovens e Adultos (EJA).

Apesar das dificuldades e medos enfrentados, passei a tomar gosto pela rotina e consegui administrar meu tempo entre vida familiar e estudos. E não tive problema de adaptação. A relação com os colegas mais jovens nunca foi problema, sempre me senti bem com eles.

Durante minha vida escolar lembro-me de um episódio que me marcou muito, algo que começou muito ruim mas que teve um desfecho muito positivo e surpreendente. Quando eu cursava a 4ª série, eu não consegui fazer uma atividade avaliativa, devido a uma crise de ansiedade, então a professora recolheu minha atividade e disse que depois eu faria. Dias depois ela iniciou uma discussão comigo sobre o tema da prova, e me fez questões bem objetiva, e eu respondi tranquilamente.

Quando ela me disse que era uma avaliação, eu fiquei surpresa e feliz, pois consegui responder sem notar que estava sendo avaliada. A professora não tinha uma graduação, mas tinha sabedoria para criar um método de me avaliar sem me deixar ansiosa. A criatividade daquela professora me faz pensar que o sucesso de um aluno depende muito do professor e foi um exemplo que pretendo seguir e utilizar para um bom êxito em sala de aula.

4.1.2 O Ensino Médio

Terminando o ensino fundamental II, eu quis continuar no ensino médio, pois a faculdade ainda era um sonho distante. No 1º ano do ensino médio a turma comemorava a harmonia entre os colegas e faziam planos para a faculdade. No entanto, a professora falou que tinha um sentimento de pena, porque, na visão dela, nós nunca chegaríamos a ingressar em uma faculdade com o ensino que nos era oferecido, e que íamos nos decepcionar. Ela desmereceu o nosso ensino e não acreditou na turma que ela devia incentivar, o que fez com que houvesse discussões entre os alunos e a professora.

Porém, a professora insistiu em dizer que não estávamos preparados para fazer a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Essa atitude da professora desanimou bastante toda a turma. Acredito que ela deveria incentivar os alunos e não nos desmotivar como ela fez. Dessa turma, cinco estudantes conseguiram ser aprovados no ENEM e estão fazendo curso superior em faculdade pública. E outras duas conseguiram bolsa do PROUNI. Prova de que a professora estava errada. A atitude da professora me fez refletir e perceber o poder e a importância que tem as palavras de um professor, e como ele pode motivar ou desmotivar um aluno.

4.1.3 A Universidade

Ao terminar o ensino médio, me sentia realizada e feliz, mas meu filho, que já estava com 13 anos de idade, achava que eu devia ir mais longe e apostava em uma faculdade de biologia, já que era meu sonho que ele fizesse biologia. Foi usando esse argumento que ele me inscreveu no vestibular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia de Goiás.

Fui aprovada e ele mesmo fez minha matrícula no curso. No início foi um tanto complicado, porque eu tive muito medo e insegurança. Na minha turma tinha apenas jovens de 17 e 18 anos, uma turma cheia de energia, diferente da galera do município. Então ele me acompanhava até a sala de aula, me deixava lá e ficava na biblioteca enquanto eu estudava.

Nos intervalos ele ficava comigo e explicava que eu conseguiria e que ele ia me ajudar, e isso me encorajava. Sinceramente, me sentia como se eu fosse uma criança sendo levada para escola. Após três semanas eu já ficava na sala sem ele e assim fui me acostumando, fazendo amigos e ganhando confiança, só então meu filho me deixou e foi estudar em outra universidade.

A faculdade é pra mim a realização de um sonho antigo, adormecido, o qual eu pensava não existir mais. Estudar biologia é maravilhoso e de uma riqueza enorme. A licenciatura veio de brinde pra minha realização. A faculdade, além de me proporcionar conhecimento, me transformou em um ser totalmente diferente do que eu era antes, com outra visão social.

A experiência do estágio me proporcionou uma interação entre teoria e prática e ampliou meus conhecimentos. Possibilitou colocar em prática aquilo que aprendi em

sala e também a não cometer os erros que professores passados tiveram comigo.

No Estágio Supervisionado IV, a responsabilidade parece ser maior. É aquela sensação de que não pode ter erro, é uma conclusão de tudo que aprendi. Confesso que esse sentimento traz um pouco de insegurança, mas é passageiro. A realidade das escolas que realizei meus estágios é bem diferente do que é esperado. Possui um corpo docente com garra, tentando fazer milagres com um copo d' água, alunos e professores desmotivados com a educação que é ofertada, e assim vão sobrevivendo. Durante a realização do estágio supervisionado III, me deparei com diversas situações que me deixaram surpresa. Uma escola cheia de déficits, mas tinha uma professora de ciências espetacular, dinâmica, criativa, dedicada, e principalmente, dava aula com amor e prazer, mesmo sem recursos, e os alunos demonstravam muito apego e carinho por ela.

A professora Luana Gomides, é mais que professora, é amiga dos alunos e isso faz a aula dela ser proveitosa. Nessa mesma escola tive contato com o mais triste cenário do meu estágio. Meninas de 13-15 anos estudando com seus bebês no colo, e outras, da mesma idade, grávidas. Isso me preocupou e entristeceu bastante. Ao longo de todo estágio foi possível perceber diversos problemas presentes na educação, muitas vezes já comentados nas aulas teóricas do estágio. Esse contato direto com as escolas do estágio foi uma evolução muito significativa para mim. Poder conhecer o campo onde pretendo atuar me enriqueceu profissionalmente e como pessoa.

A experiência nos leva ao desejo de nos tornarmos melhores, e assim contribuir com uma formação diferente para nossos alunos. Desse modo, espero poder aplicar e desenvolver os conhecimentos adquiridos na formação de jovens críticos e participativos, propondo o desenvolvimento da autonomia, da democracia e o respeito na escola.

4.2 Aparecida Pereira Natal

4.2.1 O Começo dos meus Estudos

Eu Aparecida, nasci na zona rural, entrei na escola com sete anos de idade, cursei até a quarta série em um colégio tradicional, onde a professora dava até quatro séries ao mesmo tempo, em que as classes eram divididas em fileiras. Cada fileira representava uma série. Essa era uma realidade da época, quando terminava a quarta série, acabava, devido à baixa oferta.

4.2.2 Parada e Retomada: O Ensino Médio e a Formação

Passei vinte anos fora da escola, até que resolvi procurar a EJA. Comecei no quinto ano e passei por duas escolas até me formar no ensino médio. Me formar no ensino médio, estar na escola, me trouxe muito conhecimento e vantagens. Tirei minha carteira de motorista, entrei na faculdade. Passar no vestibular parecia uma realidade muito distante para mim. Em 2014, quando terminei o ensino médio, não acreditava que hoje estaria cursando o sétimo período de Licenciatura em Ciências Sociais. A EJA é muito importante para quem não teve uma oportunidade, assim como eu.

4.2.3 Agradecimentos

Sou muito grata por essa oportunidade e acredito que, sem a EJA, seria impossível estar onde estou hoje. De camponesa a professora, depois de vinte anos sem frequentar a sala de aula. Me orgulho de ter passado pela EJA, de ter saído de casa para buscar um horizonte diferente. É como se cruzasse um oceano a nado.

4.3 Ivaine Maria da Silva Melo

Minha vida de estudante começou aos sete anos, na escola bem pertinho da minha casa, Escola Municipal professor Joaquim Moreira. Nela havia turmas de 1ª a

4ª série do ensino pré-escolar. Tinha uma turma para cada série, chegando até duas turmas por ano. Estudei nessa escola até a 4ª série. Na época que passei para o 5º ano do ensino fundamental, tive que estudar longe de casa. Filha de mãe viúva, com seis filhos pequenos, minha mãe era muito guerreira e fazia o papel de mãe e pai de todos, ela precisava sair para trabalhar pois nós éramos pobres e não tínhamos condições financeiras de comprar uma bicicleta para eu ir estudar.

Com doze anos de idade tive que desistir de estudar, porém no ano que eu estava entre treze e quatorze, consegui estudar a noite num colégio perto da minha casa. Nesse período, conheci meu primeiro namorado e comecei a dar a ele mais atenção do que aos meus estudos, então larguei a escola. Casei com meu namorado, com 15 anos tive o primeiro filho, aos 17 tive o segundo e aos 20, o terceiro. Assim, fui cuidar de casa e dos filhos, mas em o todo tempo a vontade de voltar a estudar estava comigo. Depois de um tempo, comecei a me achar velha demais, tinha vergonha de ter sonhos e projetos. Então, no ano de 2012, tomei coragem e procurei a escola perto de casa, conheci a EJA e fiz a matrícula.

Ao conhecer melhor a EJA, fiz a minha matrícula no Colégio Municipal Professor Joaquim Moreira. Assim que voltei, percebi que a minha turma era composta por mulheres em sua maioria, que já estavam com mais de trinta anos. Então fiquei um pouco mais calma, durante essa volta, alguns episódios me deixaram mais alegres e que me marcaram muito. As professoras da EJA eram sempre muito carinhosas e atenciosas. Elas sempre insistiam em dizer “você dão conta, vão alcançar seus objetivos, são vencedoras e vão conseguir dar a volta por cima”.

Nossa turma sempre foi incentivada, tanto pelos professores, quanto pela diretoria. Parabéns a todos dessa instituição de ensino, só tenho boas lembranças, o sucesso do aluno depende muito do seu professor, são bons exemplos que pretendo seguir com êxito dentro da sala de aula. O ensino médio foi uma ponte para o sonho de fazer uma faculdade que estava cada vez mais presente!

Nossa turma era quase a mesma do fundamental. Logo no primeiro ano do ensino médio, a turma comemorava a nossa harmonia e vários colegas já faziam planos para a faculdade. Quando uma professora falou que tinha pena de nós, disse que o aprendizado que nos era oferecido era muito fraco e que, por isso, não iríamos passar no vestibular, e isso iria nos decepcionar muito. Ela não apoiou a turma e nem nos incentivou, só criticou e entristeceu a todos, e com isso houve uma calorosa

conversa entre alunos e professora. Foi aí que comentamos que tínhamos feito a inscrição do Enem, exame nacional do ensino médio, mesmo assim ela insistia que não estávamos preparados, e iríamos quebrar a cara. (quero enfatizar que todas as alunas citadas, passaram pela mesma situação, pois é um relato que nós aconteceu em sala de aula, edileuza, pag 31, 32).

As palavras dessa professora foram duras, mas tiveram outras maravilhosas, carinhosas e dedicadas ao trabalho. Meus parabéns a todos os professores do Colégio Estadual Presidente Vargas. Dessa sala de aula, seis alunas conseguiram ser aprovadas no Enem, e quatro estão fazendo curso superior no Instituto Federal. Duas conseguiram o PROUNI. Além dessas, tem outra que fez o vestibular para pedagogia na lesgo e já se formou. Também temos mais três em faculdades particulares, cursando gestão e educação física. Só provando para a professora que ela estava errada. Vale lembrar também que não podemos nos abater por causa de uma pessoa. Pois precisamos sempre acreditar em nós mesmos e abraçar as oportunidades que temos. No nosso caso era o ensino que nos era oferecido na EJA, então o abraçamos como nossa única oportunidade.

Com a nota do Enem, fiz a inscrição do Vestibular-ENEM IFG/2, ingressei e então comecei a realizar meu sonho de cursar a faculdade. Comecei a fazer o curso de licenciatura em ciências sociais, no início foi muito complicado. Na minha turma, tem apenas três mulheres, de idade um pouco superior a dos outros alunos. Minha amiga Aparecida, que esteve comigo desde o fundamental e inclusive é uma das mulheres desse trabalho, e Maria das Graças. O restante, em sua maioria, tinha entre dezessete e vinte anos. Isso me deixou muito triste várias vezes, porque diversas vezes fui ridicularizada pelos colegas.

Por eu ser uma pessoa que sempre pergunto e quero aprender como se faz as coisas, muitas vezes era vista como uma boba em sala de aula. A faculdade não foi fácil para mim, era a realização de um sonho, mas em alguns momentos quis fugir dali e não voltar mais. Graças a Deus que me deu essas duas pessoas que me davam força e que também me compreendiam. Não foi fácil, mas fazer ciências sociais abriu os olhos de muitos alunos, que aprenderam a respeitar as experiências de cada um, dando o devido valor em tudo. E ficávamos mais atentos ao que todos tinham a oferecer. As experiências nos levam ao desejo de nos tornarmos pessoas melhores e docentes mais dedicados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse presente trabalho serviu para compreender como essas mulheres alcançaram a tão sonhada inserção social. O conhecimento do processo estrutural! Nos dois sentidos da aquisição da palavra estrutura! A falta da estrutura física fez com duas delas estudassem o ensino fundamental I em regime multisseriado. Podemos olhar também para estrutura da sociedade, contextualizando como uma sociedade machista, despreparada sem conhecimento para resolver as situações para melhorá-lo no futuro, que condenou os seus a ignorância no saber.

Vimos que foram todas libertas das amarras que o passado lhes impôs. Essas histórias mostram para outras mulheres que nunca é tarde. Se não tiveram a oportunidade de realizar os estudos no tempo adequado ou idealizado, não significa que acabou o tempo. Essas mulheres diriam a você, faça no seu tempo, volte ao seus estudos, hoje temos vários meios de educação, não seja você mesmo o causador da sua própria falta de conhecimento.

Para elas, o estudo foi algo diferenciado, também sofreu muitas mudanças, uma delas a ascensão social. Crescemos em práticas e costumes, fazendo com que a educação mostrasse seu verdadeiro papel. Francis Bacon (1561-1626) diz que quem tem o conhecimento tem o poder na mão, por isso precisamos usar o conhecimento com sabedoria. Sendo usado com cuidado, ele ajudará você a realizar várias questões que foram sinalizando na vida dessas mulheres.

Estas histórias de vida mostram a escola como um lugar de aprendizado e de experiências de vida. Também mostra para a própria EJA que esta modalidade é necessária e fundamental para homens e mulheres que precisaram abandonar os estudos em idade regular. Foi através da EJA que as mulheres que nos relataram seus itinerários de formação conseguiram terminar seus estudos. Se não existisse a EJA, ficaria um buraco na educação, quem ia suprir às necessidades de público tão específico, um público, que não terminou os estudos no tempo idealizado.

A EJA sinaliza esperança na vida de pessoas que desejam realizar o sonho do ensino superior, pois muitos não conseguiriam estar dentro da sala de aula o ano inteiro só para terminar uma série, no horário regular.

As aulas no período noturno facilitaram assim para essas mulheres, fazendo com essas histórias uma grande mobilização. Assim, essas mulheres dizem à

sociedade: “nós podemos chegar aonde queremos, só precisamos ir atrás dos nossos sonhos e termos um objetivo em mente.” Para elas o estudo foi algo diferenciado, representando uma saída da anulação da vida acadêmica. Vejo que a vida tem seus caminhos e que apesar de não estarem uma perto da outra, elas sofreram o mesmo preconceito, de ser mãe é pobre. A vida já foi muito dura, mas a questão de ser mãe é pobre, foi ainda mais difícil, (história de mulheres do Brasil / Mary Del Priore (org.) Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed São Paulo : Contexto, 2004. Ser mulher, mãe é pobre. claudia fonseca.) Vejo que a questão de gênero foi a mais pesada, seguindo o fluxo do gênero, me fez refletir sobre a questão do casamento dessas mulheres. Como para elas foi uma questão tão natural como os filhos, que me fez lembrar a autora, Sherry B Ortner, que diz, ““está a mulher para o homem assim como para a natureza” (“ORTNER, 1979,) fazendo com que assim nós compreendêssemos como um processo social natural é decorrente da vida. Aqui estamos falando do natural do olhar natural das coisas é assim decorreu a vida delas. Só que a diferença é que somos animais que pesam, dotados de racionalidade, pensamentos que nos impulsionam a crescer. No meio dessa floresta de pedra, onde crescemos e nos socializamos, que crescemos ao natural, sentimos a necessidade de pensar, transformar, realizarmos. Podemos ver que elas pensaram, realizaram e transformaram suas vidas. Vivemos no mundo onde a sociedade, não quer saber das suas derrotas. Quanto mais conquistas tiver, ainda é pouco. As conquistas fazem bem a você mesma! Mas também servem para mostrar que, apesar das dificuldades, você venceu um obstáculo em sua vida. Vejo um grupo de guerreiras, que não pensam só nelas, mas em todos da sua família.

Eu sei que esse trabalho é sobre a histórias dessas mulheres na EJA, mas deixo aqui uma crítica, nosso país é atrasado por falta de uma educação de qualidade, essa questão é muito extensa e renderia outros trabalhos. quero agradecer às minhas amigas que me permitiram contar as suas histórias. Também quero enfatizar, que para elas o estudo foi algo diferenciado, representando uma saída da anulação da vida acadêmica. Vejo que a vida tem seus caminhos e que apesar de não estarem uma perto da outra, a vida foi muito dura.

Vejo que a questão de gênero foi a mais pesada, me fez refletir sobre a questão do casamento dessas mulheres. Como para elas foi uma questão tão cotidiana com a criação dos filhos, na lida do dia a dia, fazendo com que assim nós

compreendêssemos como um processo social . Isso porque somos sujeitos, históricos, que pensam, dotados de racionalidade, que nos impulsiona a crescer. Tenho que agradecer às minhas amigas Edileuza Veloso e Aparecida Pereira, que me permitiram contar suas histórias. Também quero deixar claro, que é só a história da vida escolar dessas mulheres. Se formos fazer outro tipo de pesquisa, com certeza elas teriam outras grandes histórias de vida. Obrigada à minha orientadora Dr^a. Luciana Campos pelo auxílio na pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. Wallon e a educação. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. de Almeida (Orgs). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola 2000.
- BARRETO, Vera (org.). **Confabulando**. São Paulo/Brasília: Vereda – Centro de Estudos em Educação/MEB – Movimento de Educação de Base, 1994.
- BOURDIEU, P. (2007). **A economia das trocas simbólicas**. (5a ed.). São Paulo: Perspectiva. 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. : promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. Brasília: MEC-SEF, 1995. (versão preliminar).
- CORRÊA, Luís Oscar Ramos. **Fundamentos Metodológicos em EJA I**. Curitiba: IESDE. 2008.
- CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Base**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Fename, 1992.
- DESPRET, V. (2011a). **Leitura etnopsicológica do segredo**. Fractal Revista de Psicologia, 23(1), 73-92.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1975.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **A educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: Uma bibliografia**. São Paulo: Cortez /Instituto Paulo Freire, 1996.
- ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem, assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHIRE, L. (org.). **A mulher, a cultura, a Sociedade** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. pp.95-120.
- REIS, Renato Hilário dos. *A constituição do Sujeito Político, epistemológico e amoroso na alfabetização de Jovens e Adultos*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- ROMÃO, José Eustáquio (orgs). **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática**

proposta. São Paulo. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.

SANTOS, Hellen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **Congresso Nacional de Formação de Professores**. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014. p. 4094-4106.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação; fundamentos ontológicos e históricos brasileira de educação v. 12 n. 34 jan-abr.2007. Educação; fundamentos ontológicos e históricos. **Revista brasileira de educação**. 2007.

SCHULTZ, T. W.. **O Capital Humano**: investimentos em educação e pesquisa. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins fontes, 1996. _____. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1968

JACÓ-VILELA, A. M.; BARBOSA, C. F.; GONZAGA, A. S.; LUCAS, W. S.; MELLO, D. S.; SANTOS, D. F.; SILVA, L. L.. Busca em acervos no resgate das mulheres da Psicologia no Brasil: as instituições LBI, SOHM e SOP. In: XXVI Encontro Anual Helena Antipoff / VII Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia, 2008, Belo Horizonte e Ibirité - MG. Boletim do CDPHA - Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. Belo Horizonte: CDPHA - ISSN 1806-1931, 2008.

VILELA, A. M. J. et al. Mulher, Educação e Psicologia. In: VILELA, A. M. J. et al . **Mulher e Psicologia**: entre mulheres inventadas e inventoras na psicologia brasileira. Associação Brasileira de Psicologia. Disponível em : <http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/289.%20mulher%2C%20educa%C7%C3o%20e%20psicologia.pdf> . Acesso em: 11 jan 2022.

PIMENTA, Selma Garrido. O pedagogo na escola pública. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1991. PIMENTA, Selma Garrido (org). Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, F. V. **Uma breve discussão sobre quem são sujeitos da EJA e quais suas expectativas na sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11227/1/FVS30052018.pdf>> Acesso em: 11 jan 2022.

SILVA, F. D. A. **Método Científico e prática docente**: as representações sociais de professores de Ciências do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Educação. 2007.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/14043/1/FDASilvaDISSPRT.pdf>>

Acesso em: 11 jan 2022.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “Histórias de mulheres que através da EJA realizaram o sonho de cursar o ensino superior.”, cujo objetivo é “discorrer sobre quais foram os acontecimentos que levaram estas mulheres a não terminarem os estudos no tempo regular, como foi a volta para escola e inserção na academia e o papel da EJA neste processo.”. Para ter uma cópia deste TCLE você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em pdf para guardá-lo em seu computador. Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo. A pesquisa será realizada por meio de um percurso metodológico adotado como autobiográfico e metodologia de narrativas. Nos relatos, é possível perceber quais foram as dificuldades e obstáculos que foram impostos a estas mulheres. Esse método autobiográfico buscou entender a suas trajetórias, e enfatizar a satisfação de cada uma em ter conseguido alcançar o ensino superior, as mulheres apresentaram como motivo do retorno o êxito pessoal e o incentivo da família. Estima-se que você precisará de um relato de formação acadêmica. A precisão de suas informações fora determinante para a qualidade da pesquisa. Você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição. Esses dados serão guardados, para análise posteriores, sem nenhuma exposição das pessoas citadas, as vantagens de ser citado num trabalho autobiográfico e que essas informações podem ser usadas posteriormente por suas autoras na construção de um livro, artigos ou algo do gênero. Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Nome, Ivaine Maria da Silva Melo

Celular

E-mail; ivaine.melo@gmail.com

Pesquisador Responsável: Ivaine Maria da Silva Melo.

.